

## PISO SALARIAL DE R\$ 3,55: O QUE ESTÃO FAZENDO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA?

Rafael da Silva Mattos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é fazer uma discussão teórica e conceitual a partir de Aristóteles e Karl Marx sobre a desvalorização do profissional de Educação Física na atualidade. Iniciamos o artigo destacando a existência de um piso salarial de R\$ 3,55, assim como o não respeito às garantias trabalhistas constitucionais. Na segunda parte do artigo realizamos uma abordagem histórica da produção teórica de Karl Marx e sua contribuição para compreendermos a exploração do trabalhador. Por fim, apresentamos o conceito de “felicidade” proposto por Aristóteles como o maior bem humano e nos perguntamos como é possível ser feliz se o trabalho, que deveria ser fonte de prazer e sustento, se tornou desvalorizado pelas instituições empregadoras.

**Palavras-chave:** Piso Salarial. Educação Física. Aristóteles. Marx.

### *Floor Salary R\$ 3.55: What Are Doing With The Physical Education?*

**Abstract:** *The aim of this paper is to do a theoretical and conceptual discussion from Aristotle and Karl Marx about devaluation of professional Physical Education nowadays. We begin the article highlighting the existence of a minimum wage (R\$ 3,55), as well as failure to respect constitutional guarantees labor. In the second part of the paper we present an historical approach of Karl Marx's theoretical work and his contribution to understand worker's exploitation. Finally, we present the concept of "happiness" as proposed by Aristotle as the greatest human gift, and we wonder how you can be happy with work, which should be a source of pleasure and sustenance, has become devalued by employing institutions.*

**Key-words:** *Minimum Wage. Physical Education. Aristotl. Marx.*

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física - IEFD – UERJ; Graduando em Filosofia - IFCH – UERJ; Doutorando em Saúde Coletiva (Ciências Humanas e Saúde) – UERJ; Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Imaginário Social sobre Atividades Corporais e Lúdicas – UERJ; Membro do Grupo de Pesquisa CNPq Racionalidades Médicas e Práticas de Saúde - UERJ

## INTRODUÇÃO

As divergências entre patrões e empregados não são recentes. Se retomarmos aos textos clássicos de Karl Marx ficará bem explícito o caráter da história das sociedades: a luta de classes, o antagonismo entre trabalhador e empresário, empregado e empregador. A exploração do trabalhador e o regime adoeecedor de trabalho não se originam no século XX, embora seja exacerbado em alguns aspectos. Podemos mencionar que Engels, em 1845, já publicara *A Situação das Classes Trabalhadoras na Inglaterra*, texto sobre a exploração da classe operária. Da mesma forma, Marx argumenta que o modo de produção capitalista, ao produzir uma cisão entre trabalho e trabalhador, priva este dos objetos indispensáveis não somente para o viver, mas também para o trabalhar.

Ao ter acesso ao Informativo Oficial do Sindicato dos Profissionais de Educação Física do Rio de Janeiro (SINPEF-RJ), de 2010, ficamos assustados (quando não indignados) com a existência de profissionais de Educação Física que recebem vencimentos de R\$ 3,55 h/a nas academias do Rio de Janeiro<sup>2</sup>. Além disso, a carteira de trabalho, direito constitucional, não é assinada como “Profissional de Educação Física”, e sim como instrutor, auxiliar e monitor. Ademais, os profissionais não recebem o direito de trinta dias de férias. Isso sem contar as inúmeras reuniões de “trabalho” fora do horário de trabalho sem remuneração alguma e os múltiplos estagiários que trabalham como professores sem permissão legal e remuneração para tal.

Nesse artigo, a proposta é retomar duas leituras clássicas, um autor moderno e um autor da antiguidade, para discutir dois temas: a valorização do profissional de Educação Física e a Felicidade.

Para o primeiro tema, utilizaremos a leitura clássica de Karl Marx enfatizando a exploração do trabalhador e a “mais-valia” gerada quando o dinheiro transforma-se em capital. Para o segundo tema, retornaremos ao filósofo da antiguidade Aristóteles a fim de discutir o conceito metafísico de “Felicidade” presente, em especial, no Livro I da *Ética a Nicômaco* (2009). Como é possível ser feliz com vencimentos de R\$ 3,55 h/a? Fala-se muito que dinheiro não compra a felicidade, mas é possível ser feliz diante de uma vida caracterizada pela

---

<sup>2</sup> Conforme o Sindicato de Profissionais de Educação Física do Rio de Janeiro e o Conselho Regional de Educação Física da 1ª Região (RJ/ES), o SINDCLUB e o SINDACAD, sindicatos que representam os dirigentes de clubes e proprietários de academias fixaram o piso salarial de R\$ 3,55.

exploração? Como ser feliz diante da precarização do próprio trabalho? Bourdieu (1998) afirma que a sociabilidade e o sentido da vida no trabalho estão se fragmentando devido às transformações capitalistas. Castel (1995, 2003) ressalta a desestruturação do *Welfare State* que protegia o trabalhador. Como sobreviver de forma digna com o fim da *Era de Ouro do Capitalismo*<sup>3</sup>? De Aristóteles a Marx essa é uma questão que precisa ser ressuscitada e problematizada na atualidade.

### A EXPLORAÇÃO DO TRABALHADOR NA PERSPECTIVA DE KARL MARX

Karl Marx (1818-1883) matriculou-se no curso de Direito em Berlim em 1836 e estudou os textos de Savigny (principal representante da Escola Histórica do Direito) e de Gans (discípulo e editor de Hegel). Obteve o título de Doutor em 1841, mas não conseguiu vaga para se tornar professor universitário.

Sua principal obra *O Capital* permaneceu inacabada. O livro I foi publicado em alemão, 1867, e depois em francês, 1875. Sua continuação é um conjunto de escritos que Engels publicou como Livro II e Livro III de *O Capital*.

Dortier (2009) afirma que por trás do debate erudito da época, já havia duas concepções de liberdade e uma confrontação com as idéias de Hegel, do qual o pensamento na época teve lugar na filosofia de Estado e na monarquia prussiana de Engels. O jovem Marx pertencia a um pequeno grupo de jovens hegelianos (David Strauss, Bruno Bauer, Arnold Ruge, Ludwig Feuerbach) que concentravam seus estudos em Hegel, apoiados em algumas idéias como: o idealismo (a história é o devir progressivo da razão); a dialética (o devir se dá por conflitos entre forças contrárias).

Porém, os jovens hegelianos recusaram a leitura conservadora de Hegel. Para eles, o Estado prussiano não era a realização da razão. O cristianismo, da mesma forma, não era a virtude encarnada: era o ópio do povo e o suporte de uma ordem social. Eles se voltam contra a filosofia do Estado e da religião.

Marx frequentava esses círculos hegelianos, organizados principalmente por Bruno Bauer. A revolução que interessava aos jovens hegelianos era teórica, conceitual e abstrata. Os jovens

---

<sup>3</sup> Ver o historiador Hobsbawm (1995).

hegelianos colocavam o *Espírito* no lugar do indivíduo real e concreto, reproduzindo as abstrações que tanto condenavam na religião. *A Ideologia Alemã* (2005) marca o resultado dessa reflexão. Marx produz uma ruptura com o hegelianismo e com a concepção especulativa da história. O sujeito real, em Marx, não é o *Espírito*, mas o homem.

Durante os anos 1841-1847, Marx irá se emancipar desses hegelianos. Ele se engaja no movimento trabalhador nascente em Paris, depois na Bélgica e se lança no jornalismo. Encontra revolucionários em Paris e estabelece amizade com Engels, que o ajudava financeiramente. Seu pensamento se radicaliza e, em alguns anos, rompe com suas ligações filosóficas e elabora uma nova visão de mundo (DORTIER, 2009).

Para os jovens hegelianos, era preciso retirar o véu da ilusão para fazer aparecer o mundo tal como ele realmente é. No entanto, Marx inverte esta perspectiva. Para ele, a alienação tem sua origem na exploração. E o fim da alienação passa primeiramente pelo desaparecimento da sociedade que a produz. Durante esses anos Marx escrevia contra a filosofia alemã e seu idealismo. A partir de 1843-1844 Marx enreda por um novo caminho que o leva à elaboração de seu próprio pensamento e elabora uma crítica sistemática da filosofia idealista alemã e crítica, portanto, seus próprios amigos.

Num primeiro momento, a filosofia do jovem Marx se forma como pensamento de emancipação a partir da crítica da religião e das versões leigas da escatologia religiosa. Essa crítica, porém, permanece em parte prisioneira daquilo que ele critica, pois continua sendo uma interpretação do idealismo, de onde o comunismo apresenta-se como realização da filosofia. A partir de 1845, a passagem da filosofia para o “saber real” parece inaugurar uma “nova ciência”. Essa nova ciência é uma crítica do modo de produção capitalista e uma crítica da economia política.

Marx faz contato com a *Liga dos Justos* que se tornará a *Liga dos Comunistas*. Em 1844 Marx se une definitivamente à causa do proletariado e começa a se envolver nas discussões e atividades dos pequenos grupos do movimento operário nascente. No final de 1844, Engels chega a Paris, voltando da Inglaterra, onde sua família o enviara por causa da firma paterna que tinha uma filial em Manchester. Engels, dois anos mais novo que Marx, foi impedido pelos pais, que o destinavam aos negócios, de fazer os estudos de filosofia para os quais tinha profundo interesse. Em Paris, Marx e Engels decidem escrever um texto contra os jovens hegelianos que será A

*Sagrada Família*, redigido em 1845. A partir da adesão à Liga dos Justos escrevem o *Manifesto Comunista* publicado em 1848 (COLLINS, 2008).

No Manifesto do Partido Comunista (2003), Marx traça em grandes linhas sua visão da história:

- a) luta de classes é o motor da história
- b) os modos de produção se sucedem (comunismo primitivo, antigo, feudal, capitalista, comunista)
- c) a história progride por etapas
- d) as contradições de uma época engendram a luta de classes
- e) a burguesia destronou a aristocracia
- f) o proletariado irá destronar a burguesia e instaurar um novo mundo

Para Marx, a história das sociedades é a história da luta de classes. As classes sociais são grupos sociais antagonicos nos quais um ser se apropria do trabalho do outro diante do lugar diferente que ocupam na estrutura econômica de um modo de produção determinado. Lugar este que está determinado fundamentalmente pela forma específica dos meios de produção.

O trabalho na teoria marxista é uma produção exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha pode superar o arquiteto ao construir sua colméia. No entanto, o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele produz na sua mente a construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera, mas ele coloca em ação faculdades do espírito humano ao trabalhar. O processo de trabalho é, portanto, uma atividade humana com o fim de criar valores-de-uso, apropriando elementos naturais às necessidades humanas. O trabalho é condição necessária de intercâmbio cultural entre o homem e a natureza, e também entre os próprios homens.

Marx (2004) denuncia a subordinação do trabalho ao capital. O processo de trabalho, quando ocorre como processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista apresenta dois fenômenos característicos. Vejamos brevemente cada um deles.

Primeiro: O trabalhador exercer suas atividades profissionais sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida para que o trabalho se realize de maneira

apropriada e que se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho, de modo que só se gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho.

Segundo: O produto do trabalho é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador. O capitalista paga o valor diário da força de trabalho. Sua utilização como a de qualquer outra mercadoria (Ex: um carro que se aluga por dia) pertence-lhe durante o dia. Ao comprador pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho apenas cede o valor-de-uso que vendeu ao ceder seu trabalho. Ao entrar na empresa do capitalista, pertence ao capitalista o valor-de-uso de sua força de trabalho, sua utilização, o trabalho. O capitalista compra a força de trabalho e o incorpora.

Marx (2004) irá mostrar que o processo de trabalho ocorre entre coisas que o capitalista comprou e entre coisas que lhe pertencem. O produto desse processo lhe pertence. Ao vender seu trabalho por determinada quantidade de meios de subsistência, o proletário renuncia qualquer direito sobre o produto. Este pertence exclusivamente ao capitalista que forneceu a matéria-prima e os meios de subsistência ao trabalhador. É uma consequência rigorosa da lei da apropriação. Quando os trabalhadores recebem salários por seu trabalho, é o capitalista o possuidor do capital e do trabalho.

Embora os produtos produzidos sejam úteis à sociedade, o capitalista não os fabrica por amor a eles. Na produção de mercadorias, o capitalista não é movido por puro amor aos valores-de-uso. Ele tem outros objetivos, denuncia Marx (2004). Primeiro: produzir um valor-de-uso que tenha um valor-de-troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria. Segundo: quer produzir uma mercadoria de valor mais elevado que o valor conjunto das mercadorias necessárias para produzi-la, isto é, a soma dos valores dos meios de produção e força de trabalho, pelos quais antecipou seu dinheiro no mercado. Além de um valor-de-uso, quer produzir mercadoria e valor excedente (mais-valia). O trabalhador se torna um “monstro movido ao trabalhar” como afirma Marx. O que o autor percebe no século XIX na Europa não é muito distante do que observamos no cotidiano de alguns profissionais de Educação Física nas academias. Trabalham de 10 a 12 horas por dia com vencimentos de R\$ 10,00 h/a em média.

Na superfície da sociedade burguesa, o salário do trabalhador aparece como preço do trabalho, isto é, determinada quantidade de dinheiro com que se paga determinada quantidade de trabalho. Na relação baseada no salário, o trabalho excedente ou não-remunerado parece pago.

Podemos citar como exemplo as extensas reuniões aos finais de semana nas academias, nas quais os profissionais e os estagiários não são pagos, mas precisam obrigatoriamente estar presentes para discutir, em geral, estratégias de retenção de clientes. Como diz Marx (2005, p. 621), “O capitalista quer receber o máximo possível com o trabalho mínimo possível de dinheiro”. Daí as academias insistirem em suas fraseologias de atendimento ao cliente, marketing pessoal, em vez de valorizarem seus profissionais com remuneração salarial agressiva e competitiva.

### O MAIOR BEM HUMANO: a Felicidade

Aristóteles (384-323 a.C) nasceu em Estagira, pequena cidade do reino da Macedônia. Depois de ter sido anexada pelos Persas, por volta de 513 a.C., a Macedônia se aliara aos gregos durante algumas guerras e mais tarde se opôs a seus aliados. Em 366 a.C, Aristóteles partiu para Atenas e acompanhou durante vinte anos os cursos de Platão na *Academia*. Em 343 a.C, o rei Filipe da Macedônia pede a Aristóteles que seja o preceptor de seu filho Alexandre, então com idade de 13 anos que futuramente será conhecido como Alexandre *O Grande*. Em 338 a.C., Felipe derrota Atenas e Tebas, mas é assassinado em 336 a.C. Alexandre sobe ao trono e começa preparar as grandes conquistas que lhe darão glória. Aristóteles, que após a morte de sua primeira esposa, se casara novamente, teve um filho chamado Nicômaco, daí sua *Ética*<sup>4</sup> ser intitulada “*Ética a Nicômaco*” (STIRN, 2008).

Precisamos, desde então, fazer uma observação sobre os termos “ética” e moral” a fim de evitar confusões conceituais. Ricoeur (1990) afirma que o termo “ética” proveniente do grego e o termo “moral” proveniente do latim remetem a mesma idéia (*mœurs*). Para o autor, a ética possui primazia sobre a moral e pode ser definida como a *visée de la vie bonne, avec et pour les autres, dans des institutions justes*. Ao nos determos brevemente nessa definição podemos ressaltar que a ética diz respeito a ações voluntárias (com e em relação aos outros) e não imperativos. Além disso, a capacidade de agir intencionalmente não se limita às relações interpessoais, mas estende-se às instituições. Daí a ética se efetivar realmente na política. Na visão aristotélica, o ser humano é um animal político, que estabelece as normas do agir pessoal para si próprio (ética), deduz as

---

<sup>4</sup> A palavra “ética” traduzida do grego pode significar “hábito” (*ethos*) ou “costume/caráter” (*éthos*).

normas do agir doméstico (economia) e examina o contexto, que é a cidade em que o homem virtuoso deve exercer a sua virtude (política).

Aristóteles irá criticar várias posições de seu mestre Platão. Como todo bom discípulo, Aristóteles tentará superar o mestre. Ele critica a Teoria das Idéias, o dualismo alma-corpo, a idéia de um bem absoluto e transcendente. Durante a Idade Média foi considerado autoridade em todos os campos do conhecimento humano sendo chamado de “o filósofo”. Foi considerado durante muitos séculos como insuperável, a tal ponto que Kant considerava a lógica simplesmente “fechada e acabada” desde o aparecimento do *Organon* de Aristóteles. Chauí (2002) faz uma das melhores sínteses da obra de Aristóteles. A autora é didática, mesmo não abrindo mão do rigor conceitual. No entanto, pretendo recorrer a fonte primária para discutir o maior bem humano, a felicidade, na obra de Aristóteles, relacionando-o com o cotidiano do profissional de educação física.

Para Aristóteles (2009), o bem é a finalidade de todas as coisas que conhecemos. Mas como há saberes e práticas diferentes, há finalidades distintas. A finalidade da medicina é a saúde. A finalidade da construção de navios é o navio. A finalidade da estratégia de guerra é a vitória. A finalidade da economia é a riqueza. Se, portanto, entre as finalidades houver uma que desejamos por si mesma, ao passo que desejamos as outras finalidades somente por causa dessa, essa finalidade última será o bem mais excelente que podemos almejar. Qual seria o bem que desejamos por si mesma? Qual seria o bem que desejamos como finalidade e não como meio?

Mais importante ainda é considerar que esse bem desejado por si mesmo será o bem mais importante para conduzirmos nossa vida. Com ele podemos viver uma vida melhor. Essa tarefa não é fácil visto que podemos ter algumas concepções de bem que implicam em efeitos nocivos. A riqueza pode ser um bem valioso, mas certamente conhecemos pessoas que foram arruinadas pela riqueza ou que, a despeito de toda riqueza, não conseguiram viver felizes. Da mesma forma poderíamos afirmar que a coragem é um bem a ser buscado. No entanto, também sabemos que muitas pessoas morreram voluntariamente ou não por causa da coragem destemida.

Qual é realmente o bem mais elevado? Qual é o bem<sup>5</sup> que podemos desejar por si mesmo? Aristóteles (2009) responderá que é a felicidade<sup>6</sup>. A grande maioria da humanidade não hesitará

---

<sup>5</sup> Platão considerava o maior bem o conhecimento das Idéias e o maior mal a ignorância. Em Aristóteles, o bem maior é a felicidade e o mal maior é o desequilíbrio ou desarmonia. Ainda na Antiguidade, Epicuro considera o maior bem o prazer e o maior mal a dor.



em dizer que o maior bem é ser feliz. Mas no que consiste a felicidade? Esse é um grande dilema filosófico. Como a filosofia é a criação de conceitos (DELEUZE, 1991; MAIGNÉ, 2005), determinar o conceito de felicidade é necessário para os argumentos que se seguem. Se realizássemos uma pesquisa de opinião, certamente apareciam respostas como: riqueza e honra. Além disso, o mesmo indivíduo pode dizer coisas diferentes em ocasiões diferentes: quando fica doente a felicidade é a saúde; quando é pobre, a felicidade é a riqueza. Quando está solitário, a felicidade é um companheiro (a).

A honra não pode ser um bem buscado por si mesmo. Ela é muito superficial para isso, pois depende mais daqueles que a conferem, do que daquele ao qual é conferida<sup>7</sup>. O bem que Aristóteles procura deve ser algo próprio ao seu possuidor e difícil de ser dele suprimido. Quando à riqueza, é bem certo que ela não é o bem que Aristóteles procura, pois é sempre um meio para algo e não um fim em si mesmo. Aliás, se a riqueza fosse um bem em si mesmo, uma finalidade em si, seria irracional e incompatível com a produção social da própria riqueza<sup>8</sup>.

Diante dessas dificuldades iniciais, Aristóteles (2009) pergunta se não seria adequado recorrermos a um *Bem Universal*, tal como fez Platão. Para Aristóteles, tudo que se enquadra numa Idéia única têm que ser objeto de uma única ciência. Logo, deveria haver uma única ciência que se ocupasse de todas as coisas boas. Mas o fato é que há muitas ciências mesmo para as coisas boas. Não é possível, portanto, haver uma *Idéia* comum correspondente ao absolutamente Bom. Ela pode ser utilizada para predicar as coisas quanto a substância, quantidade, qualidade, na relação, no tempo no lugar, entre outros. Para Aristóteles, não é possível que o bem seja uma noção geral única e universal, como na Teoria das Idéias de Platão (2005, 2007), pois se o fosse não seria predicável em todas as *Categorias*, mas somente em uma.

Repetidamente Aristóteles afirma que o bem que ele procura, é alguma coisa que, por si só, seja a finalidade completa. Uma coisa buscada como uma finalidade em si mesma é mais

---

<sup>6</sup> A ética aristotélica é a ciência do bem, ou melhor, de um bem específico: a felicidade. A ética moderna kantiana, por sua vez, é uma ética do dever. Por isso a ética kantiana pode ser classificada como deontológica, enquanto a ética aristotélica como teleológica. Além disso, a ética aristotélica é uma ética da situação, enquanto a ética kantiana é uma ética das regras. Para Aristóteles, o homem delibera na situação específica a qual se encontra, isto é, em uma situação particular. Cabe ao ser humano discernir sobre a forma de agir naquele contexto. Para Kant, ao contrário, o homem delibera sempre conforme a razão legisladora. Uma ação será moral, em Kant, quando é praticada por dever e de acordo com o dever.

<sup>7</sup> Ver o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2001) chama de “poder simbólico”.

<sup>8</sup> Ver o que o sociólogo alemão Max Weber (2004) descreve sobre a acumulação de riqueza.

completa do que uma busca como um meio para alguma coisa. Chamamos de completa uma coisa sempre eleita como uma finalidade e nunca como um meio. A felicidade, parecer se o bem absolutamente completo, uma vez que optamos por ela mesma como fim, enquanto outras coisas como a honra, a riqueza e o prazer são apenas possíveis meios para assegurarmos a felicidade.

A questão é se a felicidade é algo que possa ser apreendido ou adquirido através do treinamento, cultivada de alguma maneira, conferida por algum favor divino ou mesmo pela sorte. Ora, se qualquer coisa possuída pela humanidade é uma dádiva dos deuses, na concepção grega, é razoável supor que a felicidade seja uma concessão divina. Entretanto, esse assunto talvez diga respeito mais propriamente a Teologia. De todo modo, a felicidade, para Aristóteles (2009) não é enviada do céu, mas sim conquistada pela virtude e por alguma espécie de estudo ou prática. A felicidade é uma atividade da alma. Ela é um bem valorado e perfeito, o que parece ser corroborado pelo fato de ser um primeiro princípio ou ponto de partida, uma vez que todas as outras coisas são feitas em função dela.

Contudo, é evidente que a felicidade também requer bens externos adicionais, visto ser impossível, ou difícil, desempenhar um papel nobre a não ser que se esteja munido do necessário equipamento. Assim, parece efetivamente que a felicidade exige o acréscimo da prosperidade externa, sendo esta a razão de alguns indivíduos a identificam com a riqueza. Grandes e freqüentes reveses podem esmagar e arruinar nossa felicidade tanto pelo sofrimento que causam quanto pela obstrução que oferecem a muitas atividades. É o caso dos salários desumanos decorrente do piso de R\$ 3,55.

Aristóteles (2009) ressalta que mesmo na adversidade, a nobreza do homem resplandece quando ele suporta pacientemente infortúnios reiterados e severos, graças à generosidade e grandeza da alma. É isso que os profissionais de educação física têm feito e doravante mais mobilizados por salários dignos. A felicidade é incompatível com a exploração sofrida por uma classe profissional que é considerada uma das mais importantes em um mundo caracterizado pela presença de doenças crônico-degenerativas e não mais infecto-contagiosas<sup>9</sup>. Ademais, em períodos pré-Copa do Mundo e pré-Jogos Olímpicos no Brasil, crescem os holofotes sobre os profissionais de educação física. Precarização do trabalho implica em precarização da vida. A infelicidade vivenciada no cotidiano da atividade profissional, em parte produzida pelas

---

<sup>9</sup> Ver Fassim e Memmi (2004).

condições salariais inadequadas, contribui para a perda do interesse pela própria atividade, assim como a desresponsabilização pela saúde das pessoas com as quais lidamos.

A ética é o resultado da escolha e da deliberação. Logo, o piso de R\$ 3,55 é uma escolha ética deliberada dos empresários. Não é uma oscilação da “mão invisível<sup>10</sup>” do mercado, produto das relações de oferta e procura. Tal piso salarial é, portanto, uma desmoralização de toda uma classe profissional com formação superior e responsabilidade pela saúde.

Deliberamos sobre o que depende de nossa razão e de nossa ação. Deliberamos sobre tudo aquilo que podemos escolher. Os animais não são capazes de deliberar, mas nós podemos calcular e pesar os prós e contras de nossas ações, bem como as consequências de nossas condutas<sup>11</sup>. Além disso, não deliberamos sobre os fins, mas sobre os meios, isto é, deliberamos em vista do fim e não sobre o fim. Assim como o médico não delibera se deve curar um doente e sim quais são os meios para curá-lo, os profissionais de educação física devem deliberar se aceitam ou não esse piso salarial em vista de um bem maior.

Ricoeur (1990) afirma que a ética têm duas características que não podem ser negligenciadas. Primeiramente a capacidade de escolher por razões específicas, de preferir isso a aquilo, ou seja, a capacidade que temos de agir intencionalmente. Em seguida, a capacidade de introduzir mudanças no curso das coisas, de começar qualquer coisa no mundo, ou seja, a capacidade de iniciativa. Essas duas capacidades são fundamentais para as discussões salariais vigentes na Educação Física.

Se Aristóteles (2009) nos ensinou que o vício é sempre o excesso ou a falta, precisamos, enquanto profissionais de educação física evitar esses vícios que tendem aos extremos. A virtude consiste exatamente na mediana ou meio-termo em relação aos vícios extremos. Não devemos impor nossa demanda por um piso salarial excessivo, portanto, irreal para as condições sócio-econômicas dos empregadores, tampouco devemos aceitar um piso que tende excessivamente para a falta (R\$ 3,55).

---

<sup>10</sup> Ver Adam Smith (2009).

<sup>11</sup> Na ética kantiana, diferente da ética aristotélica que estamos discutindo, a única lei, de fato, que uma liberdade possa se dar não é uma regra de ação: “O que eu devo fazer aqui e agora?”, mas sim o imperativo categórico “Ages unicamente de acordo com a máxima que faça tua ação valer de forma que se torne uma lei universal”. Qualquer um que se submete a esse imperativo é autônomo, ou seja, autor da lei a qual ele mesmo obedece. Coloca-se então a questão do vazão de conteúdo dessa regra que não diz nada em particular. Isto é, a ética kantiana é uma ética estritamente formal, fundada em princípios, mas sem conteúdos, modelos, regras, orientações para o agir humano. Ver Ricoeur (1990).

Como classe profissional precisamos fazer uma escolha em prol da valorização. Uma escolha não é um ato impensado ou débil. A escolha, afirma Aristóteles (2009) no Livro III da *Ética a Nicômaco*, é a ação voluntária precedida por deliberação que, por conseguinte, envolve o raciocínio e outros processos cognitivos. Só podemos deliberar sobre o que produzimos pelas nossas ações. Não cabe a nós deliberar sobre as estratégias comerciais dos empresários, donos de academias. Tampouco nos cabe deliberar sobre a quantidade ou qualidade dos funcionários dessas mesmas academias. Cabe-nos deliberar a respeito das nossas ações mediante o desrespeito constitucional das proteções trabalhistas e mediante ao piso salarial considerado indigno pela classe. Deliberamos sobre coisas que estão sob nosso controle e que são atingíveis pela nossa ação. Por que participar de uma reunião não-remunerada na academia num sábado de manhã se estes não são meus dias de trabalho? Por que participar de uma reunião não-remunerada às 23:00 h se meu horário de trabalho é de 19:00-22:00h? Como se posicionar e agir diante do empregador que oferece vencimentos de R\$ 3,55 h/a?

Assim como o médico não delibera se irá curar seu paciente, o profissional de educação física não delibera se irá prescrever exercícios físicos seguros e adequados. Mas é nosso dever tomar uma posição diante da realidade que nos é apresentada. O que seria então uma atitude virtuosa de um profissional de educação física? Seria encontrar uma medida entre os extremos contrários, a moderação, o justo meio, nem excesso nem falta. A virtude é um hábito adquirido, uma disposição para o agir racionalmente em conformidade com a justa medida. Só nos tornamos virtuosos se realizarmos ações virtuosas. Só nos tornamos bons se realizarmos ações boas. Não se trata de uma guerra contra os donos de academias, construindo inimigos, mas sim produzir um diálogo que tenha por excelência a justa medida.

Se percebo que A (aumentar o piso salarial) é desejável, preciso procurar os meios B e C para conseguir A. Nossa tarefa é exatamente descobrir que meios utilizaremos. Aí sim, talvez, estaremos agindo eticamente e, portanto, em busca do maior bem humano (incluindo aqui todos nós profissionais de educação física): a felicidade.

## CONCLUSÕES

Quem está certo, os empresários donos de academias ou os profissionais de educação física? Quem detém a verdade? Difícil dizer, pois a verdade é uma produção do jogo de forças e

das relações de poder. Não existe verdade fora do poder ou sem poder. A verdade é produzida e produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos e práticas que ela faz funcionar como verdadeiros (FOUCAULT, 1989, 1993, 2001).

Há um combate pela verdade, em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas não em termos de “ciência/ideologia”, mas em termos de “verdade/poder”. Ou seja, a luta por valorização profissional não passa por ideologia das classes trabalhadoras contra a ideologia dos empresários. Trata-se de um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados de verdade em torno do profissional de educação física e de sua atuação. A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. A questão não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam ligados aos empresários, tampouco mudar a “consciência” dos profissionais, mas mudar o regime de produção da verdade (FOUCAULT, 1976, 2006).

A partir da análise socioeconômica do capitalismo, Marx nos ajuda a compreender o funcionamento da sociedade capitalista, sua estrutura e seu devir. A obra de Marx é um esforço destinado a demonstrar o caráter contraditório do regime capitalista e sua futura desintegração. Se Marx está certo ou errado não nos cabe discutir aqui. No entanto, não podemos negar que sua análise do capitalismo nos permite compreender a exploração dos trabalhadores.

A história para Marx é a história da luta de classes, que durante séculos, opõe classes trabalhadoras e classes dominantes, dispendo de dispositivos jurídicos e ideológicos que compõem a superestrutura. A sociedade capitalista produz e é produzida pela livre relação de trabalho baseada no salário. Para compreender as instituições de trabalho e os conflitos existentes, Vatin (2009) afirma que o retorno a Marx é fundamental. Não há capitalismo sem a existência da propriedade privada e do controle dos meios de produção. A existência de instituições privadas como as academias e o respectivo controle por empresários implica em uma relação de trabalho capitalista entre empregado e empregador. Relação baseada na livre concorrência e na liberdade econômica. O profissional de educação física, como qualquer outro profissional, vende sua força de trabalho ao empresário, que, por sua vez, o remunera com salários. O empresário espera lucrar no seu negócio, inclusive pagando vencimentos mínimos.

Qual a origem do seu lucro? Como é possível lucrar? Marx responde essas perguntas com a mais-valia.

O salário pago pelo capitalista ao trabalhador pela força de trabalho vendida equivale à quantidade de trabalho social necessário para produzir mercadorias indispensáveis à vida do trabalhador e de sua família. No entanto, o tempo de trabalho necessário para produzir um valor igual ao que recebe sob a forma de salário é inferior à duração efetiva de seu trabalho. Marx denuncia que o trabalhador trabalha 8 h, mas recebe o equivalente a 4 h. Ele trabalha metade do tempo para si e metade do tempo para a empresa. A mais-valia é, portanto, essa quantidade de valor produzido pelo trabalhador além do tempo de trabalho necessário para produzir um valor igual ao que recebe sob a forma de salário. O aumento da produtividade, tão em voga na atualidade, proporciona uma redução do trabalho necessário e uma evolução da taxa de mais-valia, caso o salário permaneça fixo. A concorrência das academias tende a aumentar a corrida pela produtividade.

Não obstante, o adoecimento dos trabalhadores tende a aumentar diante da incapacidade de atender as exigências de produtividade e produtivismo. Segundo Alves (2005), as empresas investem na saúde do trabalhador, não com o objetivo de diminuir a intensificação do trabalho, mas para que possam extrair o máximo possível da capacidade produtiva de cada trabalhador. Figueiredo e Athayde (2005) ressaltam que há atividades laborais, nas quais é quase impossível conquistar as exigências de produtividade e qualidade respeitando as condições orgânicas e a saúde. Trabalhar envolve a mobilização do corpo e da inteligência para um objetivo de produção além das capacidades individuais e coletivas. Muitos professores não conseguem se adaptar às novas exigências de produtividade do mercado de trabalho e passam a viver numa situação de sofrimento que, inclusive, se manifesta corporalmente.

Para Luz (2006), o mundo capitalista do trabalho passa a ser considerado e sentido como hostil à vida, como um mundo sombrio a ser evitado, e a dificuldade de enfrentá-lo cotidianamente é uma fonte de mal-estar e adoecimento.

Sabemos que durante o século XIX e até meados do século XX, o trabalho se mostrava produtor de sofrimento, desde instalações insalubres das fábricas e aglomerações humanas nos centros urbanos, até as exaustivas linhas de montagem. Porém não podemos esquecer que o trabalho atual dos profissionais de educação física, marcado pela instabilidade dos contratos temporários nas academias, em que cada um deve tornar-se responsável por sua empregabilidade,

pode também constituir-se em fonte de opressão, exploração ou exclusão. As relações de trabalho caracterizadas por grande competitividade, elevados níveis de exigência e produtividade, sobrecarga de trabalho, aceleração do ritmo de trabalho, pressão por resultados, baixa autonomia são fatores que contribuem para a insatisfação e apatia diante do trabalho.

Vincent (2009) afirma que os espaços de trabalho correspondem a modos de gestão específicos. O espaço de trabalho é um espaço de vida, pois os trabalhadores inscrevem no seu trabalho uma parte de sua existência. O que a literatura<sup>12</sup> evidencia é que a partir da década de 1970 ocorreram muitas mudanças no regime social de trabalho. Os postos de trabalho tornaram-se intercambiáveis, assim como os trabalhadores. Cada vez mais o trabalhador, independente do capital cultural, torna-se instrumento descartável. O sofrimento gerado pela perda de significados e valores coletivos implicados na vida social ligada ao trabalhar (ao ser trabalhador) soma-se à perda de importância e prestígio do próprio profissional de educação física na estrutura contemporânea de produção, face à natureza das transformações sócio-históricas em curso. A ética no trabalho, o regime social de trabalho e o adoecimento coletivo estão intrinsecamente ligados na conjuntura capitalista mundial.

Com Aristóteles aprendemos que o elemento teleológico da ética é a felicidade, que consiste na atividade da alma segundo a virtude, ou seja, no meio-termo, no equilíbrio, na harmonia. A deliberação sobre os meios é essencial para cada profissional diante das situações específicas que se apresentam no cotidiano. O piso salarial de R\$ 3,55 é um ato moral. Por conseguinte, Aristóteles (2009) no Livro II da *Ética a Nicômaco* afirma que todo ato moral necessariamente se funda em três condições:

- a) conhecimento do que se faz na ação, isto é, o caráter voluntário
- b) escolha do que se faz (deliberação)
- c) ação que procede da escolha (agir)

Logo, os empresários voluntariamente (1ª condição) escolhem pagar R\$ 3,55 h/a (2ª condição) perpetuando a exploração do trabalhador através da relação salarial (3ª condição). O empresário não se estabelece como homem virtuoso, mas o profissional de educação física pode se engajar nesse exercício ético e político. A virtude, para Aristóteles (2009) é a disposição incorporada para o agir (*héxis*) consistente na mediada (*mesotés*) relativa a nós seres humanos

<sup>12</sup> Fournier (2007), Gallac e Volkof (2007), Lasfargues (2008), Molénat (2008), Roquelaure (2008).

que deliberamos (*proáiresis*) e agimos de forma máxima (*akrotés*) em relação ao Bem. Como profissional podemos ser ou não ser virtuosos. A escolha sempre será nossa. Precisamos de uma *hexis* valorativa em nossa classe profissional.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, G. Trabalho, Corpo e Subjetividade: Toyotismo e Formas de Precariedade no Capitalismo Global. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3, n. 2, p. 409-428, 2005.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. 3 ed. Bauru: Edipro, 2009.
- BOURDIEU, P. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Seuil, 2001.
- \_\_\_\_\_. **La Misère du monde**. Paris: Seuil, 1998.
- CASTEL, R. **Les métamorphoses de la question sociale: une chronique du salariat** Paris: Fayard, 1995 .
- \_\_\_\_\_. **L'insécurité sociale: Qu'est-ce qu'être protégé?** Paris : Seuil, 2003.
- CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. Volume I. 2 ed. rev e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COLLIN, D. **Compreender Marx**. Tradução de Jaime Clasen. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. (Série Compreender).
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Qu'est-ce que la philosophie ?** Paris : Minuit, 1991.
- DORTIER, J-F. Marx: philosophe malgré lui. **Sciences Humaines**, n. 9 (Les grands philosophes), mai-juin 2009.
- FASSIN, D.; MEMMI, D. (Dir). **Le gouvernement des corps**. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2004.
- FIGUEIREIDO, M.G.; ATHAYDE, M.R.C. Organização do trabalho, subjetividade e confiabilidade na atividade de mergulho profundo. **Produção**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 172-183, ago. 2005.
- FOUCAULT, M. **Résumé des cours (1970-1982)**. Paris: Julliard, 1989.
- \_\_\_\_\_. **L'Herméneutique du Sujet**. Paris: Éditions Gallimard-Seuil, 2001.



\_\_\_\_\_. **Surveiller et punir**. Paris: Éditions Gallimard, 1993.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 22 ed. São Paulo: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Historie de la Sexualité I: La volonté de savoir**. Paris: Gallimard, 1976

FOURNIER, M. Trabalho: ce douloureux objet de désir. **Sciences Humaines**, n. 179 (Travail: je t'aime, jê te hais), février 2007.

GALLAC, M.; VOLKOFF, S. Santé au travail: une dégradation manifeste. **Sciences Humaines**, n. 179 (Travail: je t'aime, jê te hais), février 2007.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LASFARGUES, G. Stress professionnel: le coeur à la peine. **Santé & Travail**, n. 62 (Troubles musculo-squelettiques: à quand une prévention durable?), avril 2008

LUZ, M. Fragilidade social e Busca de Cuidado na Sociedade Civil de Hoje. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R.A. (Orgs). **Cuidado: as fronteiras da integralidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ/ABRASCO, 2006.

MAIGNÉ, C. Qu'est-ce que la philosophie ? **Sciences Humaines**, n. 3 (Foucault, Derrida, Deleuze: Pensées rebelles), mai/juin 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach**. Tradução de Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Volume I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Volume II. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MOLÉNAT, X. Le stress au travail. **Sciences Humaines**, n. 12 (Grands Dossiers: Malaise au travail), set./nov. 2008.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fédon: diálogo sobre a alma e morte de Sócrates**. Tradução de Miguel Ruas. São Paulo: Martin Claret, 2007.

RICOEUR, P. **Soi-même comme un autre**. Paris: Le Seuil, 1990.

ROQUELAURE, Y. Des pathologies parfois très invalidantes. **Santé & Travail**, n. 62 (Troubles musculo-squelettiques: à quand une prévention durable?), avril 2008.

SMITH, A. **The Wealth of Nations**. Massachusetts: Neeland Media LLC, 2009.

SINDICADO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (SINPEF). A luta em prol de um piso salarial digno começou. **Informativo Oficial do SINPEF**, Rio de Janeiro, n. 3, fevereiro de 2010.

STIRN, F. **Comprender Aristóteles**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. (Série Comprender).

VATIN, F. **Marx et le travail**: acte créateur et instrument d'aliénation. Journées de L'économie, 13 novembre 2009. Disponível em <http://www.journaldumauss.net/spip.php?article634>  
Acesso em 05 de abril de 2010.

VINCENT, S. Aménagement des lieux de travail: à la reconquête de l'espace. **Santé & Travail**, n. 68, octobre 2009.

WEBER, M. **L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme** Paris: Gallimard, 2004.

**Contatos dos Autores:**

[rafaelsmattos@uol.com.br](mailto:rafaelsmattos@uol.com.br)

[profmattos2010@gmail.com](mailto:profmattos2010@gmail.com)

**Data de Submissão: 07/05/2010**

**Data de Aprovação: 05/08/2010**